

Artigos

Multissignificações do verbo *pegar*: transformações de esquemas imagéticos

Multiple senses of the verb pegar in Brazilian Portuguese: transformation of image schemas

Tatiana Goulart Secundino¹
Tânia Gastão Saliés²

RESUMO

Visando identificar se os sentidos do verbo pegar formam uma categoria radial face aos mecanismos sociocognitivos que os motivam, o presente artigo analisa suas ocorrências no corpus D&G do Rio de Janeiro. Primeiro verifica qual é a forma mais recorrente, suas possíveis variações e/ou regularidades por meio do software AntConc 3.5.8. Em seguida, as interpreta qualitativamente no contexto de uso e à luz dos conceitos de categoria radial (Lakoff, 1987), esquemas imagéticos, suas transformações e mapeamentos metafóricos e metonímicos (Johnson, 1987; Lakoff, 1987). Foram encontrados seis grupos de sentido estruturados pelos esquemas MOVIMENTO-TRAJETÓRIA. As extensões derivam da metaforização

1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro – Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-8438-191X>. E-mail: tatigoulart381@gmail.com.

2. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7564-7912>. E-mail: tancias.salies@gmail.com.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

do esquema OBJETO, das transformações de esquema e consequentes alterações de foco, assim como das metáforas e metonímias que os licenciam, engatilhadas por pistas linguístico-discursivas e contextuais. No centro prototípico encontra-se o pegar objetos em que TRAJETOR É CONTÊINER. Nas radiais mais periféricas, encontram-se o pegar ideias e o pegar orientacional em que IDEIAS SÃO OBJETOS e LOCAL DE CHEGADA É OBJETO, respectivamente. Dentre os sentidos, encadearam-se segurar, agredir, buscar, mover-se no discurso, conjecturar e seguir uma direção.

Palavras-chave: *polissemia; categoria radial; esquema imagético e transformações; verbo pegar.*

ABSTRACT

To verify if the senses of the verb pegar ('to grasp') in Brazilian Portuguese form a radial category motivated by sociocognitive mechanisms, this article analyzes its occurrences in the Discourse & Grammar corpus collected in Rio de Janeiro. First, it verifies which is the most recurrent form, variations and/or regularities of the verb with AntConc 3.5.8. Then, it qualitatively interprets each case in the light of context and concepts such as radial category (Lakoff, 1987), image-schema transformations, and metonymic and metaphorical mappings (Johnson, 1987; Lakoff, 1987). Six groups of meanings were found, all of them structured by the MOVEMENT-PATH schemas. The extensions derive from the OBJECT schema metaphorization, schema transformations, and related changes in focus, as well as from metaphors and metonyms triggered by linguistic, discursive and contextual cues. The prototypical sense is 'to hold objects' (the TRAJECTOR IS A CONTAINER). The most peripheral senses are to have an idea and to move in a direction (IDEAS ARE OBJECTS and GOALS ARE LOCATIONS, respectively). The senses include 'to hold', 'attack', 'pick up', 'move along discourse', 'speculate', and 'follow in a direction'.

Keywords: *polysemy; radial categories; image-schemas and transformations; verb to grasp.*

1. Introdução

Dentre os temas centrais da Linguística Cognitiva figura a polissemia, fenômeno que não só nos força a refletir sobre a âncora motivadora

de dois ou mais sentidos de um mesmo item lexical, mas que também ilumina questões discursivas e socioculturais presentes nos processos de categorização. Inúmeros são os trabalhos que examinam a estrutura de categorias polissêmicas (e.g. Soares da Silva, 2003; Bartóreo, 2010; Jansegers et al., 2015; Coelho, 2013; Morotti, 2014; Pinheiro, 2010). Este artigo tem propósito semelhante: examina as múltiplas significações do verbo *pegar*, como se relacionam e como se diferenciam dentro de uma abordagem sociocognitiva, que entende a cognição como fenômeno corporificado e socioculturalmente situado (Soares da Silva, 2018) “não apenas no contexto da mente, mas também no contexto da sociedade, da cultura ou da comunidade e no contexto da interação discursiva” (p. 175).

Com esse propósito, iniciamos discorrendo sobre os efeitos de prototipicidade nos processos de categorização (Geeraerts, 2006; Soares da Silva, 2010; Lewandowka-Tomaszcyk, 2007) e as relações da categoria central com suas subcategorias. “Sendo a polissemia um efeito da categorização com base em protótipos, os vários sentidos de uma forma estão organizados em rede” (Soares da Silva, p. 360), na qual um sentido tem maior peso do que o outro e alguns podem se sobrepor. Lakoff (1987, p. 379) resume as características dessa rede do seguinte modo: (1) não possui uma única representação, já que as subcategorias (centrais e periféricas) têm constituição própria e não nos permitem antecipar seus atributos com base na categoria central, que tem maior peso; (2) todas as subcategorias são motivadas pelo membro central, o mais prototípico, e possuem atributos em comum, sem com isso serem variantes dele. Em outras palavras, as subcategorias funcionam como membros de uma família que se distinguem por atributos específicos (a cor dos olhos, tipo de cabelo, personalidade) herdados da subcategoria central. Mesmo que entre si não compartilhem nenhum atributo, compartilham semelhanças com a categoria central, o que os torna membros da categoria.

Para dar conta dos elos entre as subcategorias e a categoria central que as motiva, Lakoff (1987) sinaliza a presença de uma teoria experiencialista, fundada em vivências físicas, sociais e culturais, e dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Define tais modelos como estruturas cognitivas complexas, de caráter gestáltico, que organizam o conhecimento por meio de mapeamentos proposicionais, metafóricos,

metonímicos e imagéticos. Dentre esses, o presente artigo dá destaque aos esquemas imagéticos e suas transformações.

2. Esquemas imagéticos

Conceitualmente, Johnson (2007, p. 141)³ formaliza os aspectos relacionados à percepção e à atividade motora como uma série de esquemas imagéticos, que constituem a base de nosso entendimento: MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, VERTICALIDADE, HORIZONTALIDADE, CIMA-BAIXO, DENTRO-FORA etc. Ao fazê-lo, o autor defende a organicidade do pensamento e do corpo assim como o papel da experiência na constituição do significado. Para ele, a origem do significado reside primeiro em nossas experiências sensório-motoras, nossos sentimentos e relações com o mundo; segundo, na nossa capacidade imaginativa, pois é por meio de processos sensório-motores que entendemos conceitos abstratos e espaciais. Novos sentidos são construídos a partir de experiências já vividas, permitindo que, como diz o autor, o velho dê lugar ao novo, sem necessariamente replicar o que já foi, mas sendo por ele motivado. Em outras palavras, um esquema imagético é “um padrão recorrente que emerge das interações do organismo com o seu meio”⁴ (p. 136). Deriva de relações de causalidade, temporalidade, padrões de parte-todo, localização ou relações espaciais e de orientação, estruturas agente-paciente, e relações instrumentais/funcionais entre suas partes constituintes, que podem incluir pessoas, eventos, estados, origens, destinos dentre outras.

Em termos de caracterização, o autor destaca duas propriedades dos esquemas: o número definido de partes relacionadas que os constituem e a flexibilidade, pois são esquemas que recorrem indefinidamente em eventos, percepções do mundo e manipulação de objetos. O resultado é que se tornam instrumentos chave na ordenação da experiência de modo a permitir que a compreendamos e raciocinemos sobre ela.

3. Image-schematic structure is the basis for our understanding of spatial terms and all aspects of our perception and motor activities (Johnson, 2007, p. 141).

4. An image schema is a dynamic, recurring pattern of organism-environment interactions. As such, it will reveal itself in the contours of our basic sensorimotor experience (Johnson, 2007, p. 136).

Por exemplo, são facilmente identificáveis ao subirmos ou descermos de elevador; brincarmos de pique esconde; atravessarmos uma rua ou estabelecermos ligação com as coisas e pessoas no mundo. Nosso entendimento dessas experiências envolve as noções de MOVIMENTO, HORIZONTALIDADE, VERTICALIDADE (cima-baixo), EQUILÍBRIO, FORÇA, DENTRO-FORA e outras como TRAJETÓRIA (origem-percurso-meta) e LIGAÇÃO, esquema que, como aponta Johnson (2007), experienciamos ainda no útero materno por meio do cordão umbilical que nos une a nossa mãe. Do mesmo modo, aprendemos no dia a dia que, entre uma sequência de ações originadas em determinado ponto e uma meta a ser atingida, traçamos uma TRAJETÓRIA ao longo da qual há obstáculos passíveis ou não de serem superados. Tais obstáculos podem causar a interrupção do movimento (CAUSA-EFEITO), pois há forças que nos impelem para frente assim como outras que podem bloquear o movimento, permitindo que experienciemos FORÇAS DINÂMICAS (Talmy, 1988) como COMPULSÃO, ATRAÇÃO e BLOQUEIO, dentre outras.

Destacamos em especial o esquema de CONTÊINER por se relacionar com a análise da categoria *pegar*, ora em tela. Desde muito cedo interagimos com mamadeiras, canecas e uma variedade de contêineres que nos permitem aprender a lógica das relações de continência. Um contêiner, por característica, é uma estrutura qualquer que delimita uma região no espaço e que funciona como fronteira entre o interior e o exterior. A caneca, por exemplo, impede que o líquido que está dentro se mova para o exterior. Se a deixarmos cair (esquemas de VERTICALIDADE, CIMA-BAIXO, FORÇA), o líquido se espalha e não mais poderemos dele desfrutar. Uma criança de 3 anos já se deu conta dessas relações, pois usa contêineres variados para se alimentar; brinca de encaixar formas maiores em formas menores; usa contêineres distintos para funções específicas. E por inferência, em seus primeiros anos, alterna entre CONTÊINERES e suas funções, em contínua experimentação com as partes e relações desse esquema. É na experiência cotidiana que a maioria dos esquemas imagéticos se consubstanciam, e que a lógica de suas partes é disponibilizada para ser recrutada em outras situações, materializando assim nossa capacidade imaginativa e organizando a conceptualização abstrata e o raciocínio. Ao resumir o conceito, Johnson (2007, p. 144) elenca os seguintes atributos:

1. são padrões recorrentes e estáveis que emergem da experiência sensório-motora;
2. possuem natureza imagética, pois preservam a estrutura topológica do TODO percebido na experiência cotidiana;
3. operam dinamicamente em um determinado momento e através do tempo;
4. conjugam corpo e mente;
5. são predicados na interação com o meio e materializados como padrões de ativação em mapas topológicos de redes neurais;
6. unem experiências sensório-motoras à conceptualização e à linguagem;
7. possuem uma estrutura interna definida e simples, que possibilita inferências constrangidas pela própria estrutura do esquema.

Ou seja, desempenham um papel fundamental na significação, pois encontram-se na base de todas as formas de interação simbólica, inclusive da linguagem, do raciocínio abstrato e dos processos inferenciais.

Transformações de esquema

Para Lakoff (1987, p. 440), as transformações de esquemas imagéticos são as responsáveis pela formação de categorias radiais e, consequentemente, pela polissemia. Segundo ele, é comum palavras estruturadas conceptualmente pelo esquema TRAJETÓRIA também o serem por um esquema correspondente que é FOCO NO MARCO DA TRAJETÓRIA. Exemplifica com o caso da preposição *OVER*, em inglês⁵. No enunciado “*Sam walked over the hill*” [Sam caminhou *pela* colina] temos o esquema TRAJETÓRIA; já no enunciado “*Sam lives over the hill*” [Sam mora *na* colina] temos o FOCO NO MARCO, a colina. Como essas transformações são operações não proposicionais, que acontecem em um nível superior de abstração, são motivadas principalmente por nossa experiência visual e cinética. Continuamente, no nosso cotidiano,

5. Exemplos de Lakoff (1987), p. 440.

nos vemos impelidos a realizá-las, transformando subsequentemente esquemas para dar conta da significação; por exemplo:

1. FOCO NA TRAJETÓRIA-FOCO NO MARCO. Ao seguirmos a trajetória de um objeto em movimento e na sequência alterarmos o foco para o destino, ponto esse em que o objeto cessa por completo o movimento, o FOCO na TRAJETÓRIA transforma-se em foco no ponto de chegada, o MARCO.
2. MOVIMENTO-TRAJETÓRIA: ao percebermos um objeto em movimento contínuo, podemos mentalmente traçar a trajetória que ele já atravessou ou que está por atravessar.

Nesses e em outros casos de transformações de esquemas, exercitamos a habilidade de mudar o foco ou manipularmos a assimetria figura-fundo na construção da cena de acordo com uma perspectiva particular (Evans & Green, 2006). São inúmeras as evidências nesse sentido (Lakoff, 1987, cap. 5; Johnson, 1987, p.21-40). Não é então sem razão que utilizamos as transformações de esquemas imagéticos recorrentemente como padrão de identificação e compreensão de um número interminável de experiências.

Johnson (1987, p.32-37) exemplifica o processo com os usos da preposição *OUT* em inglês, dos quais destacamos:

- a. *John went out of the room.* [John saiu da sala]
- b. *Pour out the beans.* [Despeje o feijão]
- c. *Write out your ideas.* [Escreva suas ideias]
- d. *He squeezed out some toothpaste.* [Ele espremeu um pouco de pasta de dente]

Segundo o autor, há uma orientação espacial básica entre objetos, pessoas, substâncias, nos exemplos. O padrão MOVIMENTO para fora de uma região delimitada no espaço se repete, seja em John se movendo para fora da sala ou a pasta de dente se movendo para fora do tubo plástico. No entanto, a ação de SE MOVER é distinta em cada caso, mesmo que entre eles permaneça alguma semelhança. É o nosso corpo que funciona como ponto de referência, enquanto os outros participantes orientam-se no espaço em relação a ele. Tanto é que pode funcionar

como TRAJETOR, fato que se dá em (a) ou como CONTÊINER, fato que se dá em (c) – as ideias saem da cabeça e vão para o papel no ato de escrever. Ou seja, o corpo pode ser ‘a coisa contida em’ ou o ‘contêiner.’

Ações que geram transformação de esquemas podem ser físicas ou metafóricas, posto que as projeções metafóricas potencialmente constituem elos entre diferentes sentidos de um mesmo termo. Por exemplo, em *Tell me your story again, but leave out the minor details* [conte-me sua história de novo, mas deixe de lado os detalhes]⁶, o EVENTO história é conceptualizado como CONTÊINER, já que os detalhes deveriam ficar FORA da história (DENTRO-FORA). Ou seja, o esquema prototípico da preposição *OUT* que se aplica à orientação espacial é metaforicamente projetado em um domínio cognitivo⁷ em que há processos tais como escolher os detalhes que entram e os que ficam de fora, as partes a destacar, todas ações mentais contidas no domínio EVENTO. A ligação entre os conceitos e esquemas (EVENTO é CONTÊINER) é operada graças ao esquema imagético LIGAÇÃO, que motiva as analogias e a seleção dos detalhes que entram na história.

Padrões inferenciais

Lakoff (1987), Johnson (2007; 1987) e Brugman (1988) discutem extensivamente o papel dos padrões inferenciais na transformação de esquemas e na significação. Segundo eles, se todo esquema imagético tem partes constituintes definidas e relacionadas entre si, essa estrutura interna constrange as inferências possíveis e, conseqüentemente, constrange também o raciocínio de vários modos.

Metaforicamente, compreendemos o processo de raciocínio como uma forma de MOVIMENTO ao longo de uma TRAJETÓRIA (Johnson, 1987, p.113). Isso é possível porque as partes constituintes do esquema TRAJETÓRIA permitem a inferência e o conseqüente mapeamento do

6. Johnson (1987), p. 34.

7. Radden & Dirven (2007, p. 11) definem domínio conceptual como “campos gerais da conceptualização nos quais uma categoria se encaixa em uma dada situação. Por exemplo, uma faca pertence ao domínio de ‘comer’ se for usada para cortar pão na hora do café, mas ao domínio de ‘agressão’ se for usada como arma.” Alguns exemplos incluem EMOÇÃO, ESPORTES, VIAJAR e até mesmo conceitos complexos como EVENTO (Langacker, 1987, p.147).

domínio fonte (espacial) para o domínio alvo (mental). Essas partes incluem: origem ou fonte; um objetivo ou destino; e uma sequência de pontos no espaço (físico ou mental) que ligam a origem ao destino, o MARCO. A estrutura interna do esquema TRAJETÓRIA possibilita várias projeções metafóricas entre domínios mais concretos para domínios mais abstratos. Nessa linha de pensamento, as proposições em um argumento são locais ou pontos no espaço (ESTADOS SÃO LOCAIS) que se ligam em direção à conclusão, o local de destino. Sustentar uma proposição, então, é estar localizado em um ponto deste percurso, o que ancora cognitivamente proferimentos como “Você não tem elementos para chegar a essa conclusão”. Por inferência, sustentar um argumento é estar em um determinado local. Se negarmos o argumento, nos colocamos fora do espaço delimitado pelo argumento. Há aqui a transformação do esquema TRAJETÓRIA em CONTÊINER, pois se sustentar um argumento é estar em um determinado local, ou estamos dentro ou fora desse local ou espaço. Tal estrutura inferencial é preservada nas projeções metafóricas dos esquemas TRAJETÓRIA e CONTÊINER.

À luz dessas considerações, este artigo analisa os usos do verbo *pegar* no *corpus* D&G da cidade do Rio de Janeiro, gravado e transcrito pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, visando entender os possíveis sentidos por ele instanciados e os mecanismos sociocognitivos que os licenciam.

3. Histórias do verbo *pegar*

Poucos foram os estudos que investigaram a rede polissêmica do verbo *pegar* à luz da Linguística Cognitiva (Sigiliano, 2008; Leite, 2011; Silva, 2016). Que motivação atravessa os usos cotidianos desse verbo? Que tipo de relações *pegar* pode evocar em contextos de uso? Tanto os estudos de Sigiliano e de Silva quanto o nosso olhar para o *corpus* D&G do Rio de Janeiro parecem sinalizar que há uma rede de sentidos motivada por um esquema imagético básico e a partir dele, subsequentes transformações que resultam em mudança de FOCO.

Sigiliano (2008) foi uma das primeiras a pontuar a presença da noção de MOVIMENTO em todas as funções do verbo *pegar*: verbo

pleno, introdutor de discurso reportado ou de verbos de ação, marcador de aspecto inceptivo e/ou interativo. A autora investigou os usos do verbo *pegar* na fala mineira, na cidade de Ibitipoca e em audiências do PROCON, em Juiz de Fora. Demonstrou que MOVIMENTO se transforma em CONTÊINER (Tabela 1), pois o esquema CONTÊINER perpassa os usos em seu *corpus*. Ou seja, os usos de *pegar* são também motivados pela “relação tátil do falante, própria de sua constituição corpórea, com os objetos e com os eventos do mundo” (Silva, 2016, p.309). Tal relação tátil pode ser explicada pela base experiencial que constitui nossa organização conceptual, unindo linguagem, corpo e cognição.

Tabela 1 – O esquema CONTÊINER em usos de *pegar*

Esquemas	Exemplos
Esquema 1 O sujeito “eu” (A) direciona-se para o talher (B) ao movimentar o corpo na direção desse objeto e dele se aproximar. O objeto então é inserido no CONTÊINER de (A).	“ <i>peguei</i> o talher” “ <i>peguei</i> o livro” “ <i>peguei</i> uma caixa” “ <i>peguei</i> a lamparina”
Esquema 2 O sujeito “eu” (A) escolhe um outro CONTÊINER (B) na direção do qual se move visando nele se inserir.	“vou <i>pegar</i> outro casaco” “vou <i>pegar</i> outra prestadora de serviço”
Esquema 3 O constituinte (B) move-se na direção de (A) e insere-se no CONTÊINER de A.	“ <i>pegar</i> gripe” “ <i>pegar</i> preguiça” “ <i>pegar</i> fogo”
Esquema 4 O constituinte (A) “nóis” move-se até “B” e insere-se no CONTÊINER de B	“nóis ia <i>pegá</i> no Gerardo de Parma... ia <i>pegá</i> um caminho ali naquele Gerardo de Parma”.
Esquema 5 (A) movimenta-se na direção de (B) e (B) na direção de (A) em movimento duplo. Ambos compartilham um mesmo CONTÊINER, o “campo” em que se enfrentam.	“O Flamengo <i>pega</i> o Independiente pela Sul Americana”

Fonte: Adaptado de Silva, 2016, p. 310.

Sigiliano (2008) defende ainda que no caso do *pegar* discursivo as noções de MOVIMENTO e MUDANÇA encontram-se presentes. Silva (2016) chega à conclusão semelhante, em estudo qualitativo

sobre construções idiomáticas com o verbo. Salienta que *pegar* “pres-supõe, em seus sentidos mais básicos, o corpo” e que “esses sentidos, funcionalmente integrados com outros domínios, vão se abstraindo, apesar de sempre manterem a noção de movimento, que é própria do corpo humano” (p. 322). Apesar de as construções idiomáticas (“...e a gente tem que se *pegar com Deus...* cada vez mais”; “acho que eles não deveriam assim *pegar muito no pé* dos alunos sem saber da vida deles...”) do D&G fugirem do escopo do presente artigo, interessa-nos particularmente a construção *pegar + meio de transporte* (“*pegô* o trem de ferro”).

Segundo Silva (2016), trata-se de uma construção metafórica: o MOVIMENTO do agente envolve o corpo todo, e é impossível segurar o trem com as mãos. Apesar disso, a construção ainda possui composicionalidade, pois as partes conservam os significados originais, conferindo à expressão baixo grau de opacidade. Ou seja, há idiomatidade no uso da expressão, comprovada pela possível substituição de trem, por ônibus, metrô, etc. Há ainda uma metáfora a partir do esquema CONTÊINER, posto que A (nós) se movimenta até B (o trem de ferro) e nele se insere. Silva (2016) explica ainda o uso de “pegar com Deus” como consequência da relação de proximidade entre (A) e (B) na esperança de que (B), Deus, possa transformar o estado de A.

Para verificar a idiomatidade da expressão, o autor substituiu a expressão por um elemento semelhante. Assim, dizemos “pegando com Jesus”, “pegando com a Virgem Maria” etc. – a construção é produtiva. Ao contrário, “segurando com Deus”, “agarrando com Deus”, “apalpando com Deus” não apresenta igual produtividade. Como o verbo *pegar* não demonstra flexibilidade, só o elemento (B) à direita do sintagma construcional, há a metaforização do verbo. “A variabilidade de significados do verbo *pegar*, associado a outros elementos linguísticos, é prova de que o verbo foi submetido a ‘mutações’ de significado, ao ser amplamente utilizado no meio sociocultural” (Silva, 2016, p.322).

Consequentemente, conjecturamos que o verbo *pegar* no *corpus* D&G possa igualmente evocar múltiplos sentidos, com diferentes graus de representatividade e variadas interpretações, formando uma categoria complexa ou rede de radiais. Nessa categoria, antecipamos haver domínios convergentes e extensões periféricas motivadas pelos

esquemas MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, sua transformação em CONTÊNER, mapeamentos metafóricos e metonímicos. Da mesma forma, esperamos encontrar sentidos específicos de contextos particulares, consoante à proposta de Soares da Silva (2003) e de Silva (2016), assim como de outros autores que defendem o papel do contexto na significação (Kövesces, 2020). Por fim, conjecturamos serem os sentidos do verbo encadeados dos mais concretos para os mais abstratos (Johnson, 1987; Lakoff, 1987; Silva, 2016).

4. O estudo

Resultado da releitura da dissertação de mestrado de Secundino (2018)⁸, este estudo analisa os dados da língua falada e escrita encontrados no *corpus* D&G do Rio de Janeiro (<http://www.discursoeogramatica.lettras.ufrj.br/>), gravado e transcrito pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 90. Dentre os objetivos do Grupo figuram a análise da iconicidade em situações reais de uso da língua e a comparação entre as modalidades escrita e falada em diferentes gêneros/tipos textuais em cinco cidades do Brasil: Natal, Juiz de Fora, Rio Grande, Niterói e Rio de Janeiro.

O *corpus* do Rio de Janeiro é o aqui analisado. Combina relatos de procedimentos, relatos de opinião, narrativas pessoais e narrativas recontadas de 93 alunos do ensino superior, médio, fundamental e alfabetização (antigo CA), nas modalidades escrita e oral. Soma um total de 147.802 palavras, caracterizando-se como um *corpus* de pequeno-médio porte (Sardinha, 2004).

Visa-se nele investigar os sentidos do verbo *pegar*, verificar se formam uma categoria radial e que mecanismos sociocognitivos os motivam. Para esse fim, a sequência de procedimentos metodológicos incluiu a análise quantitativa das ocorrências de *pegar* (incluindo flexões e derivações) por meio do *AntConc* 3.5.8 (<http://www.laurence-anthony.net/software.html>), seguida de análise qualitativa. Enquanto a análise quantitativa permitiu a contabilização da frequência com que a construção ocorre no *corpus* e as suas formas mais recorrentes, a aná-

8. Os dados foram reanalisados e os resultados reelaborados.

lise qualitativa agregou considerações sobre o cotexto e o contexto de ocorrência do verbo, por meio do estudo dos colocados gerados pelo *AntConc* 3.5.8 (5 colocados anteriores e 5 colocados posteriores), da situação discursiva e de aspectos contextuais. Essas ações possibilitaram o agrupamento das ocorrências em grupos de sentido e a consequente reflexão sobre as possíveis relações de semelhança e diferença entre eles, assim como sobre as motivações sociocognitivas responsáveis pela possível formação de uma rede de sentidos. Para tal, os conceitos de categoria radial, esquema imagético, suas transformações e padrões inferenciais, assim como aspectos socioculturais e discursivos foram considerados.

5. Análise e discussão

A Tabela 2 ilustra as formas mais recorrentes do verbo *pegar* no corpus. Setenta por cento de suas 413 ocorrências se deu na modalidade oral, o que evidencia uma probabilidade maior de ocorrência do verbo nessa modalidade. Dentre as 413 ocorrências, ‘pega’ (presente do indicativo; 3p.sg.) e ‘pegou’ (pretérito imperfeito do indicativo; 3p.sg.) foram as mais frequentes, seguidas imediatamente por ‘pegar’ (infinitivo), ‘pego’ (presente do indicativo, 1p.sg.) e ‘peguei’ (pretérito imperfeito do indicativo, 1p.sg.).

Tabela 2 – Formas mais recorrentes de *pegar* no corpus D&G Rio de Janeiro

Formas	Frequência
Pega	127
Pegar	81
Pegou	78
Pego	48
Peguei	26

Fonte: Autoras.

Se tomarmos o aspecto verbal⁹ como fator, a forma mais recorrente ('pega') sinaliza repetição de processo (iteração). Em geral, os entrevistados usaram a forma para se referirem às sequências de um procedimento (uma receita, por exemplo). Então, a representatividade de 'pega' no *corpus* relaciona-se ao gênero textual 'relato de procedimentos'. O mesmo acontece com a forma 'pegou', a segunda mais recorrente. Houve alta frequência da forma em relatos de experiência e narrativas recontadas. No primeiro gênero, os participantes narravam fatos que julgassem interessantes sobre outra pessoa e, no segundo, organizavam suas próprias vivências discursivamente, o que explica a forma 'peguei' também ter aparecido múltiplas vezes. Já nos relatos de opinião, gênero no qual o informante expunha sua opinião sobre assuntos livres (política, saúde, educação), a forma mais utilizada foi "pegar", visando referendar situações hipotéticas ("se pegar um prédio velho e reformar..."; "poderia pegar...").

Cabe ainda observar a relativa frequência (n=31) do *pegar discursivo* ("pegou + e + V2) tanto em relatos orais quanto nos escritos ("...ele *pegou* e saiu com ela...ficou com ela..." e "então meu pai *pegou* e foi embora com o carro", respectivamente). Ocorrências como "pegou e disse", "pegou e levou", "pegou e morreu" são usos que realçam a ideia de movimento dentro da própria narrativa, perfilando o desfecho da história ou aquilo que o participante julga importante permanecer no foco de atenção do interlocutor. Dados como esses sugerem que a escrita não está imune à mudança. Usos surgidos na oralidade podem entrar para a modalidade escrita, se manifestados com frequência continuada nas práticas sociais. Em outras palavras, podem se tornar regulares na escrita.

Conceptualmente, as ocorrências do verbo são estruturadas pelo esquema imagético OBJETO, que funciona como um esquema básico, ponto de referência para outras experiências físicas no espaço – MOVIMENTO-TRAJETÓRIA – que por sua vez se transformam nos esquemas CONTATO-FORÇA, CONTÊINER (Szwedek, 2002; Szwedek, 2011), em domínios não espaciais. É o nosso conhecimento esquemático

9. Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (Travaglia, 1985, p. 53).

associado ao OBJETO que guia os padrões inferenciais (sua estrutura interna associada a valores contextualmente determinados). As diferentes facetas do esquema arquétipo (OBJETO) são iluminadas pelos esquemas MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, cujas transformações motivam os variados sentidos do verbo ao perfilar diferentes pontos na TRAJETÓRIA. São essas facetas que agora passamos a ilustrar, na ordem em que foram mais comumente encontradas no *corpus*.

Grupo 1: pegar OBJETOS

No primeiro exemplo das cenas do grupo 1, um relato de experiência em sala de aula, as mãos do TRAJETOR (ele) se movem na direção da caneta, traçando uma TRAJETÓRIA cujo MARCO é a caneta. Ao estabelecer CONTATO com o alvo, transforma-se em CONTÊINER e exerce ligeira FORÇA para contê-lo. Ou seja, as mãos do TRAJETOR metonimicamente o representam (PARTE-TODO), assim como representam o poder de controle que ele exerce sobre o objeto (CONTROLADOR-CONTROLADO). O foco recai sobre o ato de conter o OBJETO, alvo do interesse do deslocamento. Dentre os atributos desse OBJETO encontram-se ser percebido via visão e/ou tato, ser inanimado, manipulável pelas mãos, passível de ser deslocado e ocupar um lugar no espaço. Em outras palavras, é uma entidade física, que pende para a concretude. Relações semelhantes acontecem nos outros casos do grupo, inclusive em narrativas escritas. Por exemplo, em um domínio de assalto, a mão do assaltante exerce a função de se apropriar de bens alheios. O contexto discursivo e social nos permite deduzir que há FORÇA mais intensa no CONTATO do TRAJETOR com o alvo, e que há CONTRAFORÇA, já que a reação contrária é explicitada no discurso.

Como o deslocamento do TRAJETOR sobre uma TRAJETÓRIA implica em mobilização e dispêndio de energia no seu CONTATO com o OBJETO, o esquema FORÇA será instanciado (em maior ou menor grau), sempre que houver interação entre TRAJETOR e OBJETO. Seu grau é que variará dependendo da finalidade da ação e das relações de CAUSA-EFEITO explícitas ou implícitas no discurso e/ou contexto. No caso dos OBJETOS do grupo 1, alguma FORÇA é necessária para que se dê a relação de continência (as mãos conterem os utensílios, por exemplo). Usos físicos/espaciais relacionados à manipulação de

líquidos ou objetos funcionais (‘aí a gente *pega* essa nata... coloca pra ferver’ ou ‘você *pega* lama, molha com água’) requerem menor força do que a apropriação de bens alheios no domínio de assalto e não envolvem CONTRAFORÇA.

Em todos os casos classificados neste grupo, a mente e o corpo-em-ação dos alunos-narradores interagem com o ambiente físico e social e têm papel constitutivo na categorização do verbo *pegar* (Johnson, 2007). Esse uso é motivado pela transformação do esquema TRAJETÓRIA em CONTATO-FORÇA, CONTÊINER e pelos aspectos contextuais acima referidos.

Cenas do Grupo 1: pegar objetos

Ele *pegou* a caneta e deu uma espetada no braço do garoto que estava sentado na minha frente, e jogou a caneta no meu colo. (*narrativa escrita de experiência pessoal*)

Pega a cebola...pica bem...*pega* a salsinha...que eu adoro...lava...pica bem a salisanha...*pega* um pouco daquele::chamado alho com::um pouco do sal... que virou o chamado salho...não esses comprados feitos...eu falo salho porque eu estou dando uma referência ...(*relato oral de procedimento*)

Eles atacaram *pegando* tudo de valor mas uma das três garota reagiu e não entregou nada nessa confusão duas conseguiram fugir e outra foi linchada... (*narrativa escrita de experiência pessoal*)

Embora a presença cotidiana de objetos por toda a parte nos leve a ignorar sua participação em interações que envolvem outros esquemas (Johnson, 1987), as colocações lexicais (‘*peguei* o cheque’, ‘*pego* todo o material’, ‘*pegou* o bife’, ‘*pegamos* o ovo’ dentre várias outras) e a situação discursiva corroboram não só a transformação dos esquemas MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA, CONTÊINER, mas também o papel precursor do OBJETO (Szwedek, 2011; 2002). O TRAJETOR só se desloca porque tem interesse no alvo, o OBJETO. O interesse decorre de questões contextuais (Kövesces, 2020), iluminadas pelo discurso (divertir-se ao culpar outro colega por um ato escuso, por exemplo).

Johnson (1987), Lakoff e Turner (1989) e Lakoff (1993) já haviam sublinhado o papel do esquema OBJETO como o precursor de outros.

Segundo Lakoff, temos detectores de movimento e localização de objetos no espaço, visando sua manipulação e subsequente conceptualização da estrutura interna de eventos em termos de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-CONTÊINER. Os casos de *pegar* nas cenas do grupo 1 recrutam essa lógica. É o sentido mais frequente (n=274), constituindo-se naquele que emerge como o mais central e que servirá de âncora para inferências e generalizações sobre a categoria, a cada nova situação discursiva – o *pegar* prototípico.

Grupo 2: *pegar* seres animados

As cenas do grupo 2 têm sua origem nas cenas espaciais do Grupo 1, com as quais estabelecemos conexões à luz de nossa experiência socioculturalmente situada. Dado que o alvo do deslocamento no espaço envolve seres humanos e animais, denominamos o grupo de *pegar seres animados*. Com frequência intermediária-baixa (n=65), casos nesse grupo são licenciados pela metáfora conceptual SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS (Lakoff, 1987), em que o esquema OBJETO é a fonte da metaforização. Compartilha semelhanças parciais com o Grupo 1, pois o TRAJETOR se move até o MARCO e com ele estabelece CONTATO. No entanto, o MARCO é um ser animado, a transformação CONTATO-FORÇA, CONTÊINER envolve parâmetros situacionais, e o modo como o MARCO é contido encapsula os efeitos do grau da FORÇA, em contextos de briga, acidente e prisão de bandidos. Ou seja, há efeitos de prototipicidade dentro do próprio grupo, o que nos levou a subdividi-lo em quatro (2a, 2b, 2c e 2d), de acordo com a frequência, os contextos e os parâmetros envolvidos.

Grupo 2a. As cenas do Grupo 2a em contextos de acidente, captura de bandidos pela polícia, briga e ferimento a tiro, ativam todo o nosso conhecimento culturalmente compartilhado sobre as situações narradas. Nos casos aqui classificados (n=30), há um TRAJETOR (o carro, a patrulha, o tiro, os oponentes em briga) que se desloca até um alvo (o melhor colega, uma pessoa do sexo feminino, os dois bandidos, a perna do amigo, uma pessoa do sexo masculino, as entidades localizadas) e estabelece CONTATO violento contra o alvo, em sequências causais de FORÇA intensa. É a subcategoria mais representativa do grupo 2.

O MARCO é objetificado ao ser conceptualizado como uma região delimitada do espaço (LOCAL), atingida pelo TRAJETOR com FORÇA violenta, e sofrer as consequências do impacto. A estrutura inclui a direção da FORÇA e o encadeamento de efeitos (CAUSAS SÃO FORÇAS). O foco de atenção recai sobre o resultado da ação que compõe a estrutura de causalidade, implícita ou explícita no contexto. Desse modo, ‘atravessar a rua’, ‘avançar o sinal’ são ações que funcionam como causas (pano de fundo) do *atropelamento*, no primeiro exemplo abaixo. Um dos agentes é o ‘carro’, o TRAJETOR, que atinge o melhor amigo do narrador. A lógica nos permite inferir igualmente que o corpo humano enquanto MARCO É CONTÊINER, pois absorve o impacto. Já no segundo exemplo, o efeito da FORÇA dos policiais fica implícito no contexto (captura de bandidos). No entanto, nosso conhecimento compartilhado nos permite inferir ser a prisão dos bandidos o resultado.

Cenas do Grupo 2a: pegar seres animados com força violenta

Uma vez um colega meu da 1ª série me contou que quando um colega meu um grande amigo meu e ele e o meu outro colega estavam indo atravessar a rua e um carro que avançou o sinal e *pegou* em cheio no meu melhor colega e ai levaram ele ao hospital... (*escrita, narrativa recontada*)

Nessa altura alguém chamou a patrulha que chegou rapidamente e consegui *pegar* os dois bandidos... (*escrita, narrativa recontada*)

Daqui a pouco veio um/dois caras lá...que...e começou a dar tiro... e um tiro...*pegou* na perna do amigo dela...e ela achou isso muito triste... (*fala, narrativa recontada*).

As ocorrências de *pegar* em cenas de briga são expressivas (n=20) e constituem a maioria do grupo 2a. Incluem cotextos tais como ‘um monte de moleque para *pegar* ele... *pegaram* e o machucaram’, ‘ai os garotos mandaram ele nunca mais subir lá...porque senão eles iam *pegar* ele...na porrada...’ etc. São cenas aparentemente recorrentes no cotidiano dos envolvidos, que regularizam o uso de ‘*pegar*’ na acepção de ‘bater’ ou ‘agredir’. Nem sempre é explícito o modo de o TRAJETOR (um indivíduo) exercer a FORÇA ou o poder para controlar o MARCO (com socos, pauladas etc.); muitas vezes fica implícito no contexto (‘*pegar* ele... *pegaram* e o machucaram’) assim como a própria existência de CONTRAFORÇA, comum em contextos de briga. Em

decorrência, muitas vezes há BLOQUEIO, minimizando ou evitando a transformação do CONTATO-FORÇA em CONTÊINER. Conceptualiza-se apenas a aproximação bidirecional ao corpo do outro e ataque, em uma associação metonímica entre contato corporal e agressão física. Como ambos os oponentes se deslocam na direção do outro, ambos podem funcionar como TRAJETOR e CONTÊINER.

No *corpus*, há também algumas cenas de histórias imaginadas: ‘o saci apareceu e *pegou* ela’ ou ‘o lobo *pegou* ele...e comeu toda a comida’. Padrões inferenciais semelhantes são ativados pelo conhecimento compartilhado sobre *ataques de animais a seres humanos*, sendo que o TRAJETOR é um animal que impinge FORÇA ao morder/atacar o MARCO (um indivíduo). Outras vezes, é o TRAJETOR que se transforma em CONTÊINER ao controlar o alvo (‘o lobo comeu toda a comida’). Ou seja, no Grupo 2a, o sentido de *pegar* é estruturado pelos esquemas imagéticos OBJETO, MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA, podendo ou não haver LIGAÇÃO com o esquema CONTÊINER.

Grupo 2b. Neste grupo, partes do corpo humano fazem CONTATO com o MARCO (seres animados) e se transformam em CONTÊINER (‘eu *peguei* um passarinho...cuidei dele’) exercendo FORÇA mínima para conter o alvo. Nas duas cenas de socorro que se seguem, as mãos do narrador contêm o passarinho, e os braços do pai o corpo da mãe do narrador (os MARCOS), respectivamente. Mãos e braços funcionam como CONTÊINERES e são perspectivados como PARTES em uma relação de contiguidade que evidencia o poder de ajudar um outro ser humano (PARTE-TODO; CONTROLADOR-CONTROLADO). O foco de atenção recai sobre ação de conter o MARCO. São casos (n=24) em que, mais uma vez, evidencia-se a hipótese da corporificação da mente (Lakoff, 1987).

Cenas do Grupo 2b: pegar seres animados visando ajudar

...e teve um dia lá que eu *peguei* um passarinho... um filhotinho...né? Ele estava com ferida no bico...né? Acho que acertaram algum pedra... aí a gente eu *peguei* ele...cuidei dele...*(fala, narrativa recontada)*

‘quando chegou perto de casa...ela caiu no chão...e aí...meu pai *pegou* ela ... levou ela até em casa no colo’ *(fala, narrativa recontada)*

Já em ‘aí veio uma onda...ela me *pegou*...começou a me levar pro fundo...’, o TRAJETOR é uma onda. A ela é atribuída a capacidade humana de se deslocar no espaço e de possuir membros que possam conter um ser humano, por meio da projeção de partes do domínio fonte (seres humanos) sobre o domínio alvo (onda). Essa personificação é licenciada pela metáfora ONDAS SÃO SERES HUMANOS.

...aí veio uma onda...ela me *pegou*...começou a me levar pro fundo...aí minha mãe viu e começou a ...a me/ a tentar ir pra lá que ela não sabe nadar direito...engoli muita água...(fala, narrativa recontada)

Grupo 2c. Nas cenas do Grupo 2c (n=7), o CONTATO entre o TRAJETOR e o MARCO é causado por outros eventos (CAUSAS SÃO FORÇAS) e gera efeitos pragmáticos como cumprir uma missão profissional, social ou moral. Nele incluímos usos de *pegar* em colocações lexicais tais como ‘...a empresa mandou que...me *pegassem*...levassem pra uma delegacia’, ‘...aí ela *pegou* ele e levou pra terra...’. O MARCO ou entidade localizada (OBJETO) é retirado de um CONTÊINER (a casa, o orfanato, o mar) para ser deslocado até outro CONTÊINER (a delegacia, a casa do narrador, a areia da praia) visando outra ação ou objetivo. Ou seja, aqui a objetificação do MARCO motiva dois cursos de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-CONTÊINER, que se sobrepõem, dando proeminência ao propósito da ação de *pegar* e não à ação de *pegar* em si, que compõe a estrutura de causalidade.

Essa especificidade de sentido emerge de contextos específicos, como os exemplificados abaixo. Nós temos acesso a ela pela experiência e cultura, que alimentam a significação. Em ‘*pegou* no orfanato’, o TRAJETOR (o narrador) se desloca e faz CONTATO com o MARCO (crianças pobres) visando provocar mudança no seu status de pobreza. ‘Pobreza’ atua como FORÇA causal da ação de *pegar* e do consequente efeito social e moral de prover melhor qualidade de vida. As ações-propósito expandem, elaboram a ação de *pegar* (‘para quizar’). Por isso, assumem o foco da atenção.

Cenas do Grupo 2c: pegar seres animados com foco no propósito

o pai dela acha que ela *pegou* no ofanato para quizar (*escrita, narrativa recontada*)

Certo dia uma amiga minha *pegou* sua irmã e foi fazer umas compras na Tijuca... (*escrita, narrativa recontada*)

Ainda nesse subgrupo, encontram-se dois casos de *pegar* na acepção de ‘surpreender’ em cenas que evocam domínios de ações escusas ou moralmente indesejadas, na perspectiva dos narradores. Nesses casos, o deslocamento no espaço é empreendido pelo olhar, e o CONTATO com o alvo é visual, gerando o efeito de repreensão. Por exemplo, um dos narradores rememora ter surpreendido um amigo beijando outra mulher que não a noiva, pouco antes do casamento.

...quando foi a hora da cerimônia () antes...isso um pouquinho antes...eu peguei beijando a...tal da menina...tá?... (fala, narrativa recontada)

Beijar outra menina que não a noiva pouco antes do casamento aparentemente cinde com representações de fidelidade que possam estar ligadas aos laços matrimoniais ou instituições socialmente estabelecidas, como o casamento, na perspectiva do conceptualizador. A proeminência do efeito da ação (reprimenda) é implicada pelo ‘tá?’ e distingue esse uso dos anteriores.

Grupo 2d. Neste grupo, a situação discursiva evoca o domínio de relação amorosa contra o qual interpretamos o sentido do CONTATO físico. Em nossa sociedade, se ele existe, é para demonstrar afeto ou agredir ou porque há alto grau de intimidade corpórea entre os indivíduos. *Pegar*, nesses casos, sinaliza manter relações sexuais, ação sobre a qual recai o foco. Quatro foram as ocorrências no *corpus*. No exemplo, a narradora reconta um caso em que uma garota e o pai de uma outra mantinham um relacionamento amoroso. Só acessamos o sentido porque entrecruzamos os atores à luz do domínio de relação amorosa. O sentido de ‘manter relações sexuais’ emerge por força inferencial, à luz de como os padrões sociais e culturais contemporâneos organizam as atitudes sexuais e amorosas. Se por outro lado o domínio ativado fosse o de conversa entre pai e mãe, ‘*peguei* a Lúcia na festa’, o sentido seria de deslocamento até a festa para acompanhar a filha de volta para casa (2c).

Cenas do Grupo 2d: pegar relação amorosa

aí uma garota falou que vai bater ne::la por causa do mari/ porque ela quer *pegar* o pai dela...está *pegando* o pai...quase que mata a garota ((riso)) foi a maior confusão... (fala, narrativa recontada)

No domínio físico-espacial, os corpos dos atores discursivos se deslocam um em direção ao outro, sendo que suas partes representam a TRAJETÓRIA e o MARCO, um contendo o outro, em CONTATO físico/sexual que envolve a FORÇA da ATRAÇÃO de um pelo outro. O MOVIMENTO é bidirecional, pois ambos se deslocam, havendo duas TRAJETÓRIAS e algum grau de FORÇA sobrepostos. Uma possível explicação para a baixa ocorrência desse sentido no *corpus* talvez seja o período de geração do *corpus*, década de 90, tempo em que a liberação sexual da mulher e dos jovens de modo geral ainda se iniciavam.

Os usos do *pegar* no domínio de relacionamento amoroso, como acontecia com o verbo *ficar*; têm forte ligação com a duração do relacionamento amoroso (ver Ribeiro, 2004, sobre o *ficar*). Atribuímos a diferença entre os usos de *pegar* e *ficar* ao modo como a pessoa se relaciona com o outro. O *pegar* coisifica a pessoa, ou seja, a trata como objeto (SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS), diferentemente do *ficar*, que estabelecia uma relação mais humanizada e mais próxima ao que em décadas anteriores denominávamos de namoro.

Em resumo, as acepções no grupo 2 incluem o CONTATO com uso de FORÇA intensa para exercer controle e poder sobre o alvo ('bater', 'agredir', 'ferir'); o CONTATO com relação de continência para acudir o alvo ('cuidar', 'socorrer'); o deslocamento até o alvo para cumprir um propósito (ajudar) e o contato físico (sexual). Consubstanciam-se na experiência cotidiana, a partir da lógica que permeia os esquemas primários OBJETO, TRAJETÓRIA-CONTATO-FORÇA-CONTÊINER recrutados a cada situação discursiva e licenciados por mapeamentos metafóricos e metonímicos.

Grupo 3: pegar meios de transportes

As cenas do *pegar meios de transporte* (n=33) são ocorrências igualmente estruturadas pelos esquemas imagéticos MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA. No entanto, neste caso, os usos são licenciados pela metáfora primária MEIOS DE TRANSPORTE SÃO CONTÊINERES, pois o TRAJETOR (o sujeito discursivo) se move em direção a um meio de transporte (barca, trem, ônibus, carro), objeto que foge da escala das mãos ou dos braços, e é contido por ele, como

em ‘ele *pegou* um ônibus cheio’. Relação semelhante já fora reportada por Sigiliano (2008).

Cenas do Grupo 3: pegar meios de transporte

...ele *pegou* um ônibus cheio...né? aí no momento que ele ia soltar do ônibus... tinha uma se/ uma senhora não...uma...mulher que devia...que devia ter uns trinta e poucos anos assim...ele disse...né? (*fala, narrativa recontada*)

Depois de muitas voltas eles acharam o caminho de volta, ainda a tempo de *pegar* a barca das 4:00H (*escrita, narrativa recontada*).

...aconteceu foi...onde é que eu trabalhava...eu trabalhava no centro da cidade...né? Então eu *pegava* trem...e eu *peguei* esse trem...era o Deodoro... (*fala, narrativa recontada*)

Ao estabelecer CONTATO com o meio de transporte (o MARCO), o agente exerce FORÇA de IMPULSO para completar a ação de entrar (DENTRO-FORA), e o MARCO se transforma em CONTÊINER. O corpo do sujeito discursivo (TRAJETOR) passa a ser a coisa contida. A proeminência recai sobre o CONTÊINER.

Dentre os colocados, encontramos ‘*pegaram* o meia vinte e dois’, ‘o carro *pegou* a gente e levou pro clube’, ‘ela *pegou* um taquis e foi para casa’, sendo que o meio de transporte mais recorrente foi ônibus (n=17), e os menos recorrentes foram o táxi e a barca. A menção ao número do ônibus (‘*pegaram* o meia vinte e dois’) em lugar do termo ônibus, instancia o papel da experiência na organização categorial, pois há aqui uma relação metonímica entre o número da linha e a categoria ônibus (PARTE-TODO).

Grupo 4: *pegar* discursivo

Já o *pegar* discursivo (n=31), presente em relatos escritos e orais de experiências pessoais, evoca uma estrutura de EVENTO, como explicaremos na sequência. No primeiro exemplo do grupo, o pai da narradora é um taxista. Portanto, a primeira menção de *pegar* ativa a acepção de ‘oferecer serviços de locomoção’ a um passageiro. Há o MOVIMENTO do táxi até o passageiro, com conseqüente CONTATO e transformação do táxi, o TRAJETOR, em CONTÊINER (grupo 3).

Cenas do Grupo 4: pegar discursivo

Meu pai num dia *pegou* um passageiro no aterro e o moço contou a ele que tinha sido assaltado no ônibus e que os assaltantes levaram o salário dele todo, pois ele tinha acabado de receber e obrigaram a ele a saltar do ônibus, ele então pediu meu pai que ultrapassa-se o ônibus, quando o meu pai conseguiu ultrapassar o ônibus ele queria que meu pai solta-se do carro e o ajuda-se a *pegar* os ladrões, meu pai disse que não ia e ele começou a receber santo dentro do carro, com isso meu pai deu-lhe um tapa e ele caiu para fora do carro, então meu pai *pegou e foi* embora com o carro. (*escrita, relato de experiência*)

...foi quando num dia ele...falou assim “ah...vamos dar um tempo...” eu “tudo bem...” uma semana depois...ele começou a dar em cima dessa minha amiga...ela chegou pra mim...falou pra/ falou o que estava acontecendo... nisso nós demos um tempo...não chegamos nem a terminar...eu falei assim “não...tudo bem...você faz o que der na sua cabeça...” foi quando depois de um tempo...ele *pegou e saiu* com ela...ficou com ela...aquilo pra mim foi um choque...foi uma desilusão... (*fala, relato de experiência*)

A segunda menção de *pegar* nesse mesmo primeiro excerto instância o sentido de ‘ir atrás e capturar’ ou MOVIMENTO até um MARCO com o qual o TRAJETOR estabelece CONTATO e o contém a FORÇA (*pegar seres animados com força violenta*). Por outro lado, a terceira menção, a construção ‘*pegou e foi*’, poderia ser substituída apenas por ‘foi’, sem afetar o sentido. No entanto, a narradora transportou esse uso comum da oralidade para o texto escrito. Ao fazê-lo, destaca para o interlocutor o assunto a ser introduzido.

A Gramática de Construções defende que *construção* é um pareamento de forma e sentido com significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem (Goldberg, 1995). Se assim o é, ‘*pegou e foi*’ é uma construção que enfatiza a situação desagradável enfrentada pelo pai da narradora e deixa em foco o fechamento da narrativa. A narradora ao usá-la parece fazer um MOVIMENTO dentro do próprio discurso, conforme já apontado por Sigiliano (2008), na direção do desfecho da história. Na perspectiva da narradora, é o desfecho que ela julga importante perfilar.

A construção '*pegou e saiu*' no segundo exemplo corrobora o argumento. A narradora move-se pelo discurso e traça a TRAJETÓRIA da ação descendente da narrativa em direção ao desfecho, imediatamente anterior à coda¹⁰ que, nesse caso traz uma avaliação encaixada ('*ele pegou e saiu com ela...ficou com ela...aquilo pra mim foi um choque... foi uma desilusão...*'). Ao fazê-lo, a narradora perspectiva o EVENTO como um CONTÊINER das ações que entram na narrativa, objetificando-o. Ao mesmo tempo, destaca a sua desilusão. A ligação entre EVENTO, CONTÊINER e OBJETO se dá pelo esquema LIGAÇÃO, que motiva as analogias entre eles e a seleção dos detalhes pela narradora, consoante à proposta de Johnson (1987). Construções como '*pegou...falou assim*', '*pegou...continuo olhando*', '*pegou saiu correndo*', '*pegou e botou ele*' relacionam-se à intenção de perspectivar a resolução ou coda narrativa como o ponto de chegada e foco de atenção.

Grupo 5: *pegar ideias*

O *pegar ideias* é licenciado pela metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS (n=7). Nesse grupo, o CONTATO do TRAJETOR com o MARCO, ao contrário dos casos anteriores, se dá no plano nocional. De acordo com Talmy (1988; 2000), o MOVIMENTO pode ser físico, quando há deslocamento em um ESPAÇO real, e fictício quando isso acontece no plano das ideias. Os narradores conceptualizam as ideias como coisas materiais, passíveis de serem '*pegadas*'. Mentalmente, os sujeitos discursivos deslocam-se até as ideias ('*reformular e manter instalações decadentes do sistema educacional brasileiro*', '*comparar comandos da linguagem computacional às letras do alfabeto*', '*adicionar um bom volume de ingredientes*'), estabelecem CONTATO com elas, para conjecturar sobre as ações mais indicadas em situações que retratam a educação no Brasil, a montagem de um programa de computador e o preparo de um caldo, no domínio da culinária.

10. Segundo Labov e Waletzky (1967), a narrativa conjuga os seguintes movimentos discursivos: sumário, orientação, ação complicadora, avaliação externa e/ou encaixada, desfecho e coda.

Cenas do Grupo 5: pegar ideias

...querem dar projetos revolucionários para educação num país que eu acho que podia *pegar* um prédio velho...reformatar e manter... (*relato de experiência, fala*)

Um programa de computador é semelhante ao alfabeto no qual *pegamos várias letras e formamos uma palavra*. (*relato de procedimento, escrita*)

Eu gosto de botar bastante quantidade...eu gosto de ver aquilo encorpado... de você *pegar* não é aquele caldo ralo não... (*relato de procedimento, fala*)

A relação corpórea (CONTATO) do sujeito com a meta (a ideia) é mediada por sua mente (o CONTÊINER), que se apossa da ideia, contendo-a fisicamente (CONTATO transforma-se em CONTÊINER com a FORÇA mental). A ação não só parte do sujeito discursivo em direção à ideia, mas volta para ele, que passa então a usufruir de seus efeitos junto aos interlocutores. São usos que evocam o domínio da percepção subjetiva, e que no discurso deixam em proeminência a perspectiva oferecida por quem fala. Parece que se relacionam com o gênero (relato de opinião sobre temas livres), pois emitir uma opinião coaduna-se com perspectivar de forma autoral ou agir no mundo das ideias.

Grupo 6: pegar orientacional

Por fim, há três ocorrências (n=3) estruturadas pela metáfora conceptual DESTINOS SÃO OBJETOS, na qual o destino é conceptualizado como uma região delimitada no espaço físico, qual seja, uma passagem na estrada ou um túnel. O conceptualizador os reifica, tendo como pano de fundo o MCI de caminho, que implica seguir em uma determinada direção ou na direção de um lugar, perspectivada pelo informante como o foco de atenção. Infere-se que, se o perspectivador permanecer na direção escolhida, chegará ao destino (MOVIMENTO-TRAJETÓRIA).

Cenas do grupo 6: pegar orientacional

A gente saiu correndo, *pegamos* a passagem errada e tivemos que descer por um matagal até conseguir voltar para o túnel. Ao chegar de novo ao carro, o reboque já tinha chegado e rapidamente o carro foi rebocado (*relato de experiência, escrita*)

Multissignificações do verbo *pegar*: transformações de esquemas imagéticos

...em vez de *pegar* pra dentro do túnel a gente *pegou* como se estivesse indo pro outro lado... (*relato de experiência, fala*)

No segundo excerto, é a nossa experiência social com cenas semelhantes que nos permite interpretar a situação, pois o MCI de caminho é implicado na situação discursiva. Essas ocorrências assemelham-se a usos como ‘*pegar a estrada*’, bastante comuns, e que muitas vezes são usados em estruturas metonímicas como ‘*pegar a Presidente Dutra*’, em que Presidente Dutra refere-se a uma Rodovia. É o conhecimento do contexto situacional que permite a inferência.

Em tempo, cabe mencionar que há um caso único de *pegar* na acepção de ‘grudar’, no domínio culinário, que não contabilizamos em nenhum dos grupos. Posto que o gênero relato de procedimentos inclui processos culinários na maioria, esperávamos que essa acepção tivesse maior frequência:

... aí boto dentro... aí mexo... boto sal... aí deixo *pegar* um pouquinho... sabe?
...depois boto água... aí ali... fica no fogo.

A cena já traz em si o esquema básico OBJETO, licenciado pela metáfora LOCAIS SÃO OBJETOS, que, como visto anteriormente, instancia os esquemas de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA e sua transformação em CONTATO. Os elementos conceptualizados como TRAJETORES são os ingredientes que a narradora intenciona LIGAR ao MARCO (a panela) de modo a ‘grudar’. Ou seja, há sobreposição com o MARCO. Se não houver conhecimento e experiência em culinária, o refogado *pegará* a ponto de queimar, intenção essa não perspectivada pela narradora. O foco de atenção, portanto, é a sobreposição do CONTATO com o MARCO no tempo certo. Esse só a experiência permite conhecer.

Panorama geral

Com base nos esquemas imagéticos, suas transformações e padrões inferenciais que emergem da lógica deles recrutada, os usos de *pegar* encontrados no *corpus* D&G Rio de Janeiro foram sumarizados na Tabela 3. Em um total de 147.802 palavras, 413 casos foram encon-

trados e analisados qualitativamente. O uso prototípico que motiva as subcategorias é o *pegar objetos*, que estrutura sentidos distintos ao metaforizar o esquema básico OBJETO. O esquema age como domínio fonte para a conceptualização de entidades tangíveis e manipuláveis pelas partes do corpo humano; entidades animadas (humanas e animais); e entidades nocionais (o discurso, ideias e orientação no espaço).

Tabela 3 – Sentidos do verbo *pegar* no corpus D&G Rio de Janeiro: mecanismos cognitivos

N=413		
Sentidos	Mecanismos cognitivos	N
1. <i>Pegar objetos</i>	MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA-CONTÊINER TRAJETOR É CONTÊINER	274
2. <i>Pegar seres animados</i>	OBJETO, MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA, (CONTÊINER) TRAJETOR É CONTÊINER e/ou MARCO É CONTÊINER SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS	65
3. <i>Pegar meios de transporte</i>	MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA, CONTÊINER MARCO / MEIOS DE TRANSPORTE SÃO CONTÊINERES TRAJETOR É OBJETO	33
4. <i>Pegar discursivo</i>	OBJETO, MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CAUSA-EFEITO V1 (verbo <i>pegar</i>) + V2 (verbo de ação ou descendê) EVENTO É OBJETO DISCURSO É TRAJETÓRIA / DESFECHO É LOCAL	31
5. <i>Pegar ideias</i>	MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO-FORÇA, CONTÊINER TRAJETOR É CONTÊINER IDEIAS SÃO OBJETOS	7
6. <i>Pegar orientacional</i>	MOVIMENTO-TRAJETÓRIA TRAJETÓRIA É ORIENTAÇÃO DE DIREÇÃO LOCAIS SÃO OBJETOS	3

Fonte: as autoras.

Motivados pelo esquema OBJETO, subjazem aos sentidos de *pegar*, neste *corpus*, outros esquemas dele dependentes, que se transformam e se sobrepõem – os esquemas de MOVIMENTO-TRAJETÓRIA presentes em todas as ocorrências. Em sua maioria (grupos 1, 2b-d, 3, 5) há também transformação de TRAJETÓRIA em CONTATO-FORÇA, CONTÊINER, como é o caso do sentido prototípico (*pegar objetos*) e do *pegar ideias*, em que o TRAJETOR se transforma em CONTÊINER (a cabeça do sujeito discursivo).

No caso do *pegar meios de transporte*, a lógica dos esquemas envolvidos é invertida, pois é o MARCO que se transforma em CONTÊINER. No que tange à essa lógica, cabe-nos sublinhar que tanto no *pegar com força violenta* quanto no *pegar relações amorosas* ambos o TRAJETOR e o MARCO são CONTÊINERES, já que ambos os corpos se movem e se aproximam um do outro. Já o *pegar discursivo* implica deslocamento no discurso e relações de CAUSA-EFEITO na narrativa, fazendo do desfecho o ponto de chegada (OBJETO por LOCAL de chegada). Tais transformações são responsáveis por mudanças no foco de atenção e, consequentemente, na significação do verbo.

Para além da metaforização de OBJETO, há mapeamentos metafóricos e metonímicos motivados pelo contexto social e discursivo. O grupo (2), por exemplo, é estruturado pela metáfora conceptual SERES ANIMADOS SÃO OBJETOS e desdobra-se em quatro outros subgrupos. Em (2a), o TRAJETOR e o MARCO SÃO CONTÊINERES, como acontece também em (2d) nas acepções de ‘agressão’ ou ‘bater com força intensa causando danos à entidade atingida’ e ‘manter relações sexuais’, respectivamente, pois há relação de CONTATO-FORÇA nas duas direções. Esse detalhe é evocado pela situação e contexto discursivo.

Metonimicamente, as partes do corpo humano (mãos, braços, mente) funcionam com TRAJETORES, CONTÊINERES e MARCOS em uma relação que reafirma a corporificação da mente (Johnson, 2007) na significação. Outras como CONTROLADOR por CONTROLADO, OBJETO por LOCAL de chegada, CONTATO CORPORAL por AGRESSÃO, CONTATO CORPORAL por RELAÇÕES SEXUAIS, iluminam o papel do contexto (Quadro 1). Conforme conjecturado, esses processos cognitivos atuam em conjunto com pistas discursivas e contextuais que evocam domínios específicos, por exemplo, o de agressão e de relações

amorosas, acessíveis pelo nosso conhecimento de mundo via gatilhos linguístico-discursivos presentes no contexto e situação discursiva.

Quadro 1 – Sentidos do verbo *pegar* no corpus D&G Rio de Janeiro: aspectos discursivos e contextuais

Sentidos	Aspectos discursivos e contextuais	Foco de atenção
1. <i>Pegar objetos</i>	Relações poder/posse Inferências contextuais e socioculturais	CONTÊINER
2. <i>Pegar seres animados</i>	2a Relações de poder/conhecimento compartilhado Inferências contextuais/pressuposições	EFEITO da AÇÃO
	2b Situação discursiva	CONTÊINER
	2c Inferências contextuais Conhecimento sociocultural Efeitos pragmáticos	PROPÓSITO
	2d Conhecimento sociocultural Inferências contextuais	AÇÃO
3. <i>Pegar meios de transporte</i>	Contexto social/experiência cotidiana Conhecimento compartilhado	CONTÊINER
4. <i>Pegar discursivo</i>	Gênero (narrativa)/desfecho narrativo	MARCO
5. <i>Pegar ideias</i>	Gênero (relato de opinião) - conjecturas Inferência contextual Situação discursiva	PERSPECTIVA IDEIA
6. <i>Pegar orientacional</i>	Contexto social/experiência cotidiana Inferências contextuais	DIREÇÃO

Fonte: as autoras.

6. Considerações Finais

Diante do exposto, teoriza-se haver um encadeamento sucessivo de sentidos a partir de um significado mais central, estruturado pelo esquema imagético OBJETO. Trata-se de um esquema básico, precursor de outros como MOVIMENTO-TRAJETÓRIA, CONTATO. Essa interpretação já fora defendida por Szwedec (2002; 2011) e anteriormente apontada como possível por Lakoff e Turner (1989) quando os autores

defendem ser a “nossa cognição uma cognição de objetos físicos”. Os dados analisados na seção anterior corroboram essa interpretação.

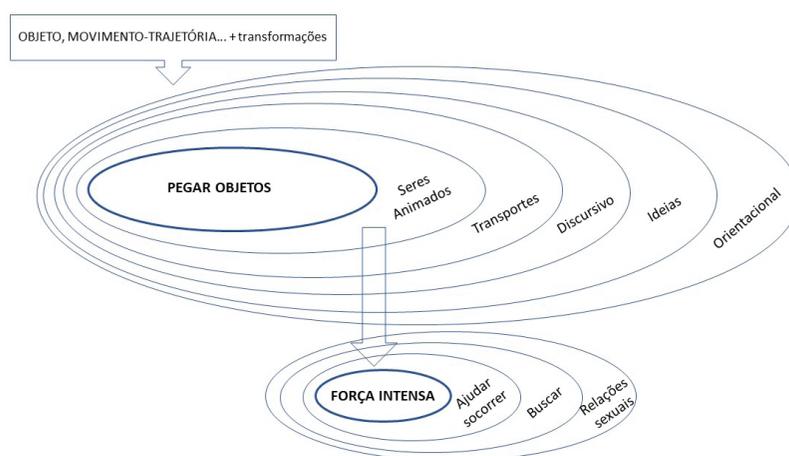
Sua frequência elevada e a proeminência de atributos (ser uma entidade física; ser manipulável e passível de ser contida/controlada por um TRAJETOR animado ou inanimado e ocupar um lugar no espaço), somadas ao fato de vários desses atributos serem mapeados para domínios mais abstratos (eventos discursivos, nocionais e direcionais), nos autorizam a fazer tal inferência. Ao conceptualizarem seres humanos e entidades abstratas como concretas, os participantes assinalam aos primeiros atributos como ‘poder ser possuído’, ‘controlado’ ou ‘localizado’ e recrutam a lógica dos esquemas envolvidos para estruturar as cenas discursivas em que o verbo ocorre. As subcategorias mais periféricas, portanto, herdaram da mais central os esquemas imagéticos OBJETO, MOVIMENTO-TRAJETÓRIA (no mínimo) com as especificidades sumarizadas na Tabela 3.

Se assim o é, o verbo *pegar* emerge do *corpus* como uma categoria radial (Lakoff, 1987). Existem relações motivadas entre os grupos de sentido, confirmando não só a polissemia da construção já reportada por Sigiliano (2008), Leite (2011) e Silva (2016), mas também a hipótese da corporificação da mente (Lakoff, 1987) e o experiencialismo Lakoffiano, pois são as experiências sensório-motoras que se projetam em outros domínios de experiência, gerando as extensões subcategoriais. Em várias das subcategorias, o CONTÊINER é uma parte do corpo humano ou o próprio corpo humano em relações metonímicas de PARTE-TODO ou de POSSUIDOR-POSSE / CONTROLADOR-CONTROLADO. A noção de proximidade (CONTATO) implícita tais relações como já antecipara Lakoff (1987) e mostrado na análise.

No centro categorial encontra-se o *pegar objetos* em que TRAJETOR É CONTÊINER. Na radial mais periférica encontra-se o *pegar orientacional* em que TRAJETÓRIA É ORIENTAÇÃO e o MARCO o LOCAL para onde se desloca o TRAJETOR. As subcategorias da rede originam-se (1) de elaborações advindas da transformação dos esquemas envolvidos, responsáveis por diferentes focos de atenção, e (2) de projeções metafóricas e/ou metonímicas, que se relacionam com o *modus vivendi* dos participantes em sociedade. É o contexto social e discursivo que baliza a conceptualização e a perspectiva do conceptualizador (Croft

& Cruise, 2004, p.87). Há sempre uma dada intenção implicada. Os aspectos pragmáticos (a intencionalidade, as implicaturas, as pressuposições) e os domínios iluminados na análise envolvem conhecimento geral do mundo e do contexto social e discursivo, confirmando nossas conjecturas. Essa estrutura radial encontra-se na Figura 1.

Figura 1 – Categoria radial do verbo *pegar* no *corpus* D&G Rio de Janeiro



Fonte: as autoras.

Os sentidos de *pegar* não são previsíveis a partir do protótipo, mas sim a partir da metaforização do esquema OBJETO e das transformações dos esquemas por ele instanciados em um determinado contexto social e discursivo. Como verbo de AÇÃO, *pegar* implica haver OBJETOS dos quais o TRAJETOR intenciona se aproximar para controlá-los, mesmo que o modo de controle varie. As acepções encontradas ilustram o processo de objetificação (Szwedek, 2002; 2011) assim como as transformações de esquemas imagéticos, mudanças no foco de atenção e sentido, consoantes às propostas de Johnson (1987), Lakoff (1987), Gibbs & Colston (1995) e Turner (1996). Esses sentidos não representam homônimas, pois interrelacionam-se e encadeiam-se de domínios mais concretos para outros mais abstratos (Silva, 2016; Sweetser, 1990), confirmando nossas expectativas.

Algumas das acepções instanciadas no *corpus* fogem às 16 descritas no *Aurélio*¹¹ (2021). Dentre elas encontram-se alguns dos sentidos estruturados por metáforas e metonímias. Respectivamente, são elas: ‘ir buscar ou apanhar alguém’; ‘capturar alguém’; ‘agredir ou bater em alguém’; ‘cumprir um objetivo social ou moral’; ‘surpreender’; ‘manter relação sexual’; ‘conjecturar’; ‘deslocar o pensamento até o desfecho narrativo’; ‘escolher um caminho’. Essas diferenças iluminam a relação entre questões discursivas e socioculturais e os processos de categorização. Como o *corpus* é constituído por relatos de procedimentos, relatos de opinião e narrativas de experiência, os sentidos encontrados “são interpretações que surgem de um contexto particular” (Soares, 2003, p. 150-51), conforme as vivências dos entrevistados do D&G. Ou seja, “não são dadas, mas construídas” (Soares, p.151) por eles.

Isso se dá de tal modo que o *pegar discursivo* adentra a escrita com representação expressiva. O *pegar manter relações sexuais* começa a surgir, ocorrendo com frequência muito baixa. Fosse o *corpus* gerado nos tempos atuais, provavelmente a incidência de ambos seria bem maior. Uma busca rápida em notícias de jornal de um único dia indicou 102.000 ocorrências de ‘*pegar + V2*’ e 11.500 de ‘*pegar mulher*’. Reforçando o mesmo ponto, o sentido de ‘bater’ no domínio de agressão é pressuposto em várias cenas. O narrador não julga ser necessário explicitá-lo, já que entende ser ele parte do conhecimento compartilhado. Aparentemente, o uso de *pegar* na acepção de ‘bater’ se tornou normal ou o único jeito de falar daquela experiência (Croft & Cruise, 2004). Ou seja, as categorias geradas pelo ser humano são cognitivas, mas são também socioculturais (Lakoff, 1987, p. 280-81; Soares, 2018; Kövesces, 2020). Os esquemas imagéticos e suas transformações operam como princípios estruturantes e, dependendo do contexto, alguns serão mais proeminentes que outros. É exatamente a perspectivação de uns como foco de atenção em contraposição a outros que gera os diferentes significados contexto a contexto.

Pelas mesmas razões, algumas acepções que constam do *Aurélio on-line* não apareceram no *corpus* (e.g. comunicar por contágio ou contato; transmitir doença; criar raízes; generalizar/espalhar) ou aparecem com frequência mínima. A acepção de ‘grudar’ (a segunda a aparecer

11. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pegar/> (Aurélio online).

nos dicionários), aquela que mais se aproxima da origem etimológica do verbo (do latim *picare*, ‘sujar com pixe’, ‘ter em si, trazer para si’, conforme o Houaiss & Villar, 2001), só foi instanciada uma única vez, nos relatos orais de procedimento. Como anteriormente mencionado, quem nunca cozinhou, dificilmente entenderá o que é *pegar no fundo*, já que as ações e atitudes que vêm da prática de cozinhar não são dadas, mas sim construídas na prática. Enquanto MOVIMENTO-TRAJETÓRIA são noções espaciais, INTENÇÃO, ATITUDE são noções pragmáticas, que emergem do contexto. A comparação entre o que encontramos no *corpus*, as entradas de *pegar no Aurélio on-line* e a origem etimológica de *pegar* só iluminam e reforçam a relação entre questões pragmáticas e socioculturais e os processos de categorização.

Com base no acima exposto, teorizamos (1) irem as extensões de *pegar no corpus* D&G Rio de Janeiro de objetos concretos para seres animados e eventos discursivos, nocionais e direcionais, remetendo à GRANDE CADEIA DO SER (Lakoff & Turner, 1989), uma estrutura hierárquica da matéria que orienta a conceptualização de objetos concretos para seres animados e outros domínios abstratos. Ressalva seja feita à subcategorização do grupo 2. No grupo 2, o encadeamento é diferenciado, pois a ação de *pegar* também é performada por TRAJETORES inanimados (tiros, veículos), aos quais são atribuídos o valor de AGENTES, em cenas de agressão e atropelamento. Do mesmo modo, teorizamos (2) irem as radiais de domínios mais concretos para mais abstratos, espelhando os mapeamentos metonímicos e metafóricos entre o domínio OBJETO e os domínios FÍSICOS/ESPACIAIS, da FORÇA, da PRAGMÁTICA e do CONTROLE ou o poder do TRAJETOR sobre a entidade objetificada. Apesar de as extensões serem sentidos que nos parecem convencionalizados na e pela experiência sociocultural, são motivadas e derivam de uma cena física e espacial com as quais os falantes estabelecem conexões.

Em síntese, o uso e a compreensão das acepções de *pegar* aqui ilustradas passam pela percepção dos esquemas OBJETO, MOVIMENTO-TRAJETÓRIA e da experiência que temos com suas transformações em outros esquemas como CONTATO-FORÇA, CONTATO-FORÇA-(CONTÊNER), CONTATO-(CAUSA-EFEITO), engatilhadas por pistas linguístico-discursivas e contextuais. Esses princípios de organização categorial são apreendidos indiretamente no uso e ordenam as cenas

discursivas no presente *corpus* (Soares, 2003; Soares, 2018; Kövecses, 2020). Cumpre salientar, entretanto, que os possíveis sentidos de *pegar* podem ainda ser alargados por pesquisas com outros *corpora*, em outros contextos e com outros participantes. Do mesmo modo, a análise aqui proposta não esgota possíveis outras que futuros estudos venham a explorar.

Conflito de interesses

Declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.

Contribuição dos autores

Nós, Tatiana Goulart Secundino e Tânia Mara Gastão Saliés, declaramos, para os devidos fins, não termos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Participamos igualmente da conceptualização, metodologia do estudo assim como da análise estatística, interpretativa e validação dos dados. A edição dos dados, escrita e edição final do artigo submetido e aprovado para publicação na Revista Delta foi realizada pela segunda autora. Ambas confirmamos ter aprovado a versão final do manuscrito e sermos responsáveis por todos os seus aspectos, incluindo a garantia de sua precisão e integridade.

Referências

- Aurélio, B.H. (2021) *Pegar*. In *Dicio: dicionário online da língua portuguesa*. <http://www.dicionariodoaurelio.com/Pegar.html>.
- Batoréo, H. J. (2010). Produtividade lexical, espaços mentais integrados e lexias compostas na língua portuguesa (PE e PB): o que a linguística cognitiva nos ensina sobre língua e cultura? *Revista Linguística*, 6(2), 1-15. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4445>.
- Brugman, C. (1988). *The story of over: polysemy, semantics and the structure of the lexicon*. [Tese de doutorado]. Universidade da Califórnia, Berkeley. Outstanding dissertations in linguistics series. Garland.
- Coelho, C. M. (2013). *Construções com o verbo agarrar em português brasileiro e europeu*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Uberlândia. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15444/1/Carolina%20Medeiros.pdf>.

- Croft, W., & Cruise, D.A. (2004). *Cognitive linguistics*. Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511803864>.
- Geeraerts, D. (2006). Where does prototypicality come from? In D. Geeraerts (Ed.), *Words and other wonders. Papers on lexical and semantic topics. Cognitive Linguistics Research* vol. 33 (pp.27-47). Mouton de Gruyter.
- Goldberg, A. E. (1995). *A construction grammar approach to argument structure*. University of Chicago Press.
- Gibbs, R. W., & Colston, H. (1995). The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, 6, 347-78. <https://doi.org/10.1515/cogl.1995.6.4.347>.
- Houaiss, A., & Villar, M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Jansegers, M., Vanderschueren, C., & Engels, R. (2015). The polysemy of the Spanish verb *sentir*: a behavioral profile analysis. *Cognitive Linguistics*, 26(3), 381-421. <https://doi.org/10.1515/COG-2014-0055>.
- Johnson, M. (2007). *The meaning of the body: Aesthetics of human understanding*. The University of Chicago Press.
- Johnson, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago University Press.
- Kövesces, Z. (2020). *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge University Press.
- Labov, W., & Walesky, J. (1967). Narrative analysis: oral versions of personal experience. In J. Helm (Ed.), *Essays on the verbal and visual arts* (pp. 12–44). University of Washington Press.
- Lakoff, G. (1993). The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (pp. 202–251). 2nd ed. Cambridge University Press.
- Lakoff, G. (1987). *Women, fire and dangerous things*. Chicago University Press.
- Lakoff, G., & Turner, M. (1989). *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. The University of Chicago Press.
- Langacker, R. (1987). *Foundations of cognitive grammar: Theoretical perspectives*. Stanford University Press.
- Leite, A. (2011). Um estudo sincrônico do verbo pegar. *Cadernos de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Ceará*, 3(1), 33-46. https://issuu.com/funcionalismo.em.perspectiva/docs/funcionalismo_em_perspectiva_3.
- Lewandowka-Tomaszczyk, B. (2007). Polysemy, prototypes, and radial categories. In D. Geeraerts, & H. Cuyckens (Eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics* (pp. 139-169). Oxford University Press.

- Morotti, R. (2014). O emprego metafórico dos verbos de movimento: o ser humano pensando metaforicamente. *Revista Linguagem Acadêmica*, 4(1), 69-90.
- Pinheiro, D. (2010). Homonímia, polissemia, vagueza: um estudo de caso em semântica lexical cognitiva. *Revista Linguística*, 6(2), 63-78. <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>.
- Radden, G., & Dirven, R. (2007). *Cognitive English grammar*. John Benjamins Publishing.
- Ribeiro, R. P. (2004). A expansão de sentidos do verbo ficar e os mecanismos responsáveis pela organização cognitiva de suas significações. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, 2(8). <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/437/429>.
- Secundino, T.G. (2018). *Delírios do verbo pegar: transformações de esquemas em corpora de língua falada e escrita*. [Dissertação de mestrado em linguística]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/6214>.
- Sardinha, T.B. (2004). *Linguística de corpus*. Manole.
- Silva, L. A. (2016). Construções idiomáticas com o verbo pegar: uma abordagem sociocognitiva. *Scripta*, 20(40), 286-306. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p307>
- Sigiliano, N. S. (2008). Eu peguei e falei: eu vou!: as noções de movimento e mudança nas construções com o verbo pegar. *Estudos Linguísticos* 37(1), 243-251.
- Soares da Silva, A. (2018). Polissemia na mente, na cultura e no discurso: para uma abordagem cognitiva mais dinâmica e contextualizada da individuação, relação e mudança de sentidos. In A. Almeida, & E. Santos (Eds.), *Linguística cognitiva. Redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* (pp. 161-18). EDUFBA: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Soares da Silva, A. (2010). Polissemia e contexto: o problema duro da diferenciação de sentidos. *Estudos Linguísticos*, 5, 353-367. <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/clunl/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/5z1-augusto-silva.pdf>.
- Soares da Silva, A. (2003). Image schemas and category coherence: The case of the Portuguese verb *deixar*. In H. Cuyckens, R. Dirven, & J.R. Taylor (Eds), *Cognitive approaches to lexical semantics. Cognitive linguistics research* vol. 23 (pp. 281-322). Mouton de Gruyter.
- Szwedek, A. (2002). Objectification: From object perception to metaphor creation. In K. Lewandowska-Tomaszczyk, & K. Turewicz (Eds.), *Cognitive linguistics today* (pp. 159-175). Peter Lang.

- Szwedek, A. (2011). The ultimate source domain. *Review of Cognitive Linguistics*, 9(2), 341–366. <https://doi.org/10.1075/rcl.9.2.01szw>.
- Sweetser, E. E. (1990). *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge University Press. https://www.researchgate.net/publication/300834111_11_Cross-linguistic_polysemy_in_tactile_verbs.
- Talmy, L. (2000). *Toward a cognitive semantics*, vol. 1. MIT Press.
- Talmy, L. (1988). Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, 12, 49-100. https://doi.org/10.1207/s15516709cog1201_2.
- Travaglia, Luiz Carlos. (1985). *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5ª. Edição (pp.49-54). EdUF.
- Turner, M. (1996). *The literary mind*. Oxford University Press.

Recebido em: 29.03.2021

Aprovado em: 03.12.2021